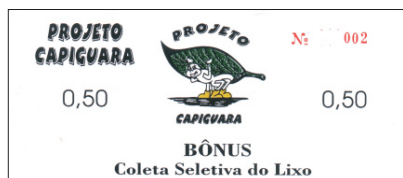




**REDE LATINOAMERICANA DE
SOCIOECONOMIA SOLIDÁRIA - REDLASES**
<http://www.redlases.org.ar/>



Para saber mais, consulte:

<http://money.socioeco.org/>
<http://www.instrodi.org/>
<http://www.monnetta.org/>
<http://www.accessfoundation.org/>
<http://www.smallisbeautiful.org/>
<http://www.appropriate-economics.org/>
<http://reinventingmoney.com/>
<http://www.favors.org/>
<http://www.olccjp.net/>



**REDE LATINOAMERICANA
DE SOCIOECONOMIA
SOLIDÁRIA - REDLASES**

**MOEDA SOCIAL E DEMOCRACIA:
MANUAL PARA COMPREENDER E FAZER**



**Como melhorar a economia da sua casa
e também a do seu bairro, cidade e região...**

O que é a RedLASES?

A Rede Latinoamericana de Socioeconomia Solidária é um espaço aberto de reflexão, formação e intercâmbio de experiências, que nasceu em 1999, como iniciativa de um grupo de impulsores da Rede de Trocas Solidárias da Argentina que considerou que:

* em seus quatro primeiros anos de existência, os clubes de troca não puderam resolver nem o problema técnico da produção em escala, nem o problema político da gestão de um modelo de rede aberta e participativa;

* a moeda social é uma estratégia suficientemente poderosa, que pode ser utilizada por outras iniciativas da Economia Solidária e desta combinação poderão aparecer respostas muito criativas e eficientes para enfrentar a exclusão social.

Desde a sua criação, além de realizar atividades de capacitação permanente semanais, desenvolveu seis seminários internacionais e cinco nacionais, onde participaram organizações da Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Equador, Peru, Colômbia, Honduras, El Salvador, Canadá, Venezuela, Holanda e Alemanha. O tema central foi o uso da moeda social na Economia Solidária e, a partir de Junho de 2003, com o lançamento do Projeto Colibri, sua integração como instrumento da própria construção democrática.

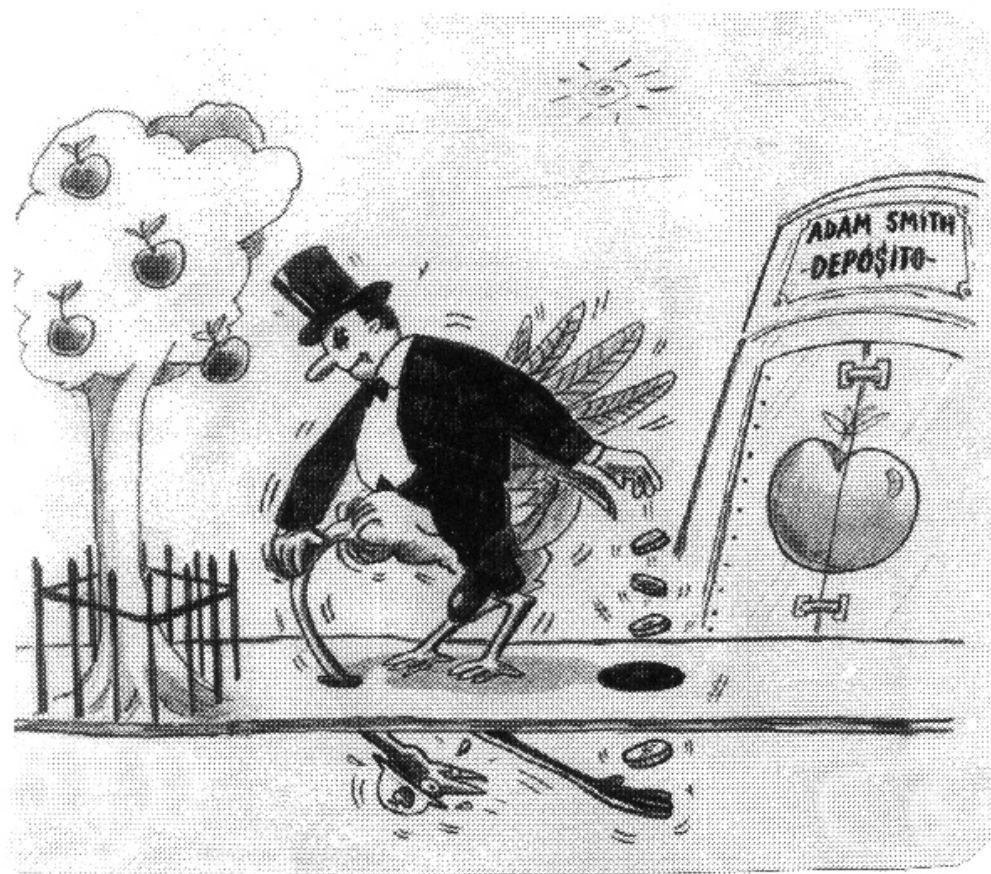
Convidamos a visitar nosso sítio em www.redlases.org.ar e deixar-nos seus comentários e contribuições, que serão sempre bem-vindos.

Heloisa Primavera
Carlos del Valle
Miguel Recondo
Augusto Chiesa
Ana Carolina L. Matte
André Miani

helolisa@redlases.org.ar
charli@redlases.org.ar
mrecondo@redvinpas.org.ar
agchiesa@datafull.com
anarets@gmail.com
andremiani@gmail.com

Este manual foi realizado por Heloisa Primavera (idéia e texto final), com a colaboração de Carlos Henrique Castro (texto MTS), Ana Carolina Matte (tradução), André Miani (design/produção) e Augusto Chiesa (produção).

PARADIGMA DA ESCASSEZ



Você também confunde:

- * dinheiro com riqueza?
- * possibilidades infinitas com ameaças à ordem estabelecida?
- * projetos com problemas?
- * diferenças legítimas com conflitos?
- * ter informação sobre algo com saber fazer?
- * suas opiniões com a "verdade" das coisas ?

Tudo isso forma parte do paradigma da escassez que mora em nós...

MOEDA SOCIAL E DEMOCRACIA: MANUAL PARA COMPREENDER E FAZER

Esta história foi criada e utilizada por nós em outubro de 2002, quando participamos da implantação do Projeto FOMENTO a primeira experiência de moeda social circulante local realizada pela parceria entre a Fundação Strohalm e o Banco Palmas.

Três anos mais tarde, a moeda social “Palmas” ganhou terreno e está sendo utilizada em vários projetos que combinam o uso da moeda social com a moeda oficial, já que operam sobre o setor de Microcrédito no Conjunto Palmeira, bairro onde nasceu o Banco Palmas.

Cinco anos depois do lançamento do clube de trocas com a moeda Palmares e três anos depois do uso da moeda social Palmas, os moradores podem pagar o gás, o transporte público, comprar nos comércios locais e até mesmo pagar as contas de luz e telefone, com aquela *moeda social circulante local* impressa na Argentina, pela primeira organização que compreendeu o sentido desse “banco social” popular que eram os clubes de troca!

E para mostrar que a evolução não tem limites mais que nossa imaginação aliada ao nosso compromisso, temos o orgulho de contar-lhes que o Instituto Banco Palmas recebeu em 2005 o Prêmio de Inovação Social pela Fundação Banco do Brasil, estabeleceu com a SENAES um programa para a criação de uma rede de bancos comunitários no Brasil e que...há pouco mais de um mês acaba de ser criada a Rede Latinoamericana de Bancos Comunitários, que se propõe difundir a metodologia de finanças solidárias com moeda social em vários países da região!

Uma parceria do Banco Palmas com o Ministério para a Economia Popular do Governo da República Bolivariana da Venezuela. Vale a pena saber mais?



Este manual é a segunda publicação da série ABC da Socioeconomia Solidária para ensinar a fazer. Vale a pena contar que a primeira teve muito sucesso: há em circulação mais de 3000 exemplares em toda a América Latina. No Brasil, existiu uma versão em Português, hoje esgotada, razão pela qual este manual inclui uma versão abreviada e modificada pela própria prática daquela primeira cartilha para “começar uma rede de trocas solidárias”.

Cada vez mais, estão se realizando feiras de trocas com moeda social em eventos de Economia Popular e Solidária em todo o Brasil, além das edições nacionais e internacionais do Fórum Social Mundial. A razão porque isso acontece é muito simples: as pessoas compreendem rapidamente que isso é benéfico para elas. Mas, por outro lado, isso não garante que essas experiências continuem quando as pessoas voltam a seus lugares de origem, porque pensam que é muito difícil organizar, que parece meio ilegal isso de “fabricar dinheiro”, ou mesmo por excesso de trabalho no que já estão fazendo.

Haverá uma breve introdução histórica e explicações de porque, para que e para quem fazer, mas o objetivo principal é convencer os leitores que é possível fazer alguma coisa para mudar a economia hoje: aqui e agora! Como provavelmente queiram saber mais, colocaremos referências no sítio da RedLASES, onde poderão encontrar muitos documentos, história e atualizações do que está sendo feito no Brasil, a partir do Programa de Alfabetização Econômica e do Projeto Colibri. Esperamos sua visita: <http://www.redlases.org.ar>

Nos conteúdos deste manual encontrarão os seguintes temas:

I. COMO COMPREENDER O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM SUA CASA
O que é Economia Solidária. O que são os clubes de troca. Onde existem iniciativas no Brasil. Quem as apóia. Como é a situação no resto do mundo.

II. COMO FAZER MUDAR O QUE NÃO ESTÁ BEM
Começar por uma Feira de Trocas Solidárias no seu bairro.

III. COMO IR ALÉM DISSO E ACEITAR NOVOS DESAFIOS
Continuar com um Clube de Trocas no seu bairro.

IV. COMO FORMAR PARTE DE UMA COMUNIDADE MAIOR
Conhecer outras experiências no Brasil e no mundo e articular-se com elas.
O Projeto COLIBRI.

Envie seus comentários e contribuições a nosso endereço info@redlases.org.ar. Prometemos responder e atualizar esse texto.



1. O que é Economia?

A palavra diz que é a “regra de ordenamento da casa”, mas hoje é difícil acreditar nesse significado. Quando pensamos em Economia, pensamos imediatamente em políticos, banqueiros, industriais, de um lado e do outro, desempregados, pequenas empresas, mercado informal... Porque? Porque é assim que a realidade se apresenta aos nossos olhos. Por isso, também é compreensível que tenha se desenvolvido nas últimas décadas um movimento de Economia Solidária, não só no Brasil, mas em escala mundial. Existem redes de redes articulando esse movimento, dentro e fora dos governos. A França já teve uma Secretaria de Estado na área e hoje é o Brasil que a tem, no Ministério do Trabalho e Emprego - a SENAES. Além disso, existe também uma experiência única que é o Fórum Brasileiro de Economia Solidária integrado por entidades do governo, organizações de trabalhadores e organismos de assessorias.

2. O que é Economia Solidária?

É uma forma de economia destinada a produzir bem estar coletivo e não a acumulação de riqueza em poucas mãos. Muitas formas de produção podem ser incluídas nessa classificação, como as cooperativas, as pequenas associações de produtores informais, mas sua principal característica é que seus membros se ajudam entre si, fazem uma distribuição justa do lucro e promovem a participação ativa de todos os seus membros, como forma de construção democrática. Para organiza-la é necessário que:

- a **produção** seja coletiva, mesmo em pequenas unidades, para promover o uso eficiente dos recursos e fomentar a cooperação que o sistema capitalista destrói em forma automática, permanentemente;
- a **comercialização** seja justa, isto é, tenda a eliminar custos inúteis, como a intermediação desnecessária, ao mesmo tempo que atenda às condições de produção do que se comercializa, para fomentar um novo modelo de economia sem exploração entre as pessoas e em harmonia com a natureza.
- o **consumo** seja ético, favoreça a reciclagem, a utilização dos recursos locais e que preserve o meio ambiente, tendo em conta que, atualmente, cada ato de consumo é um ato político que promove um dos dois modelos de Economia: concentração ou distribuição da riqueza.

“Ainda podemos escolher viver simplesmente para que muitos possam simplesmente viver”.



Quando Raimundo se retirou, Luís lembrou que, há dois meses apenas, a filha tinha precisado de um lindo vestido para a festa de seus 15 anos e Da. Eulália tinha fiado a confecção. A festa tinha sido todo um sucesso... Rapidamente, Luís pagou sua dívida e os dois ficaram muito contentes pela possibilidade de continuar fazendo negócios no futuro.

Da. Eulália, por sua vez, devia a última prestação dos materiais que tinha comprado na Ferraria de Seu Aníbal, para a reforma de sua casa: que alívio! Agora podia pagá-lo porque se não fosse por esse dinheiro recuperado inesperadamente, jamais poderia fazê-lo! Pagou-lhe e Seu Aníbal imediatamente encomendou a Seu Mário todo os materiais que estavam faltando na ferraria e armou uma liquidação de alguns produtos que ia renovar. Seu Mário, muito contente, viu a possibilidade de saldar uma dívida que tinha com a comadre Gleuza, que no verão tinha-lhe fiado a hospedagem ao convidado de honra que ele convidara para dar uma palestra na Escola de seus filhos sobre O NOVO MERCOSUR e o ALCA!

Quando viu aquela nota, tão parecida a outra que saíra de suas mãos apenas duas horas antes, Da. Gleuza mal podia acreditar em seus olhos e ficou pensando como tinha sido possível a façanha! Estava nesses pensamentos quando chega Dulcinéia e lhe comunica que, felizmente, já tinha resolvido tudo e que podia tomar o ônibus das sete da tarde de volta para casa. Da. Gleuza lhe disse, então, muito tranqüila: “Está tudo bem, aqui está seu dinheiro, como ficou essa manhã. Não me deve nada não...”

E nós que observamos a história um pouco mais de longe, começamos a compreender um pouco mais da CIRANDA DO DINHEIRO, e para que pode servir esse incrível invento social quando bem utilizado!

E também porque alguns políticos e governantes já aceitam a moeda social como instrumento válido para combater o desemprego e a exclusão social!!!

Na verdade, essa “fábula” acontece todos os dias, o tempo todo, milhares de vezes, graças ao efeito mágico do dinheiro! Nossa história pode ser vista como uma reconstrução do fenômeno do crédito e mostra como o aumento de dinheiro em circulação favorece a todos porque promove a possibilidade de ampliar o mercado! De quem depende aproveitar a lição?



Leia agora essa História, baseada em fatos da vida real

“Dulcinéia chegou naquela cidade para acertar uma série de assuntos relacionados com sua pequena empresa e não sabia quanto tempo iria ficar por lá. Não tinha muito dinheiro e os hotéis turísticos eram caros e estavam lotados. Dirigiu-se, então, a uma pousada que lhe pareceu adequada, pelo preço e localização. A proprietária, Dona Gleuza, foi muito simpática e disse que só tinha desocupado um quarto em suíte, que custava \$R 100 a diária.

Dulcinéia, um pouco constrangida porque esse era quase todo o dinheiro que lhe restava, perguntou-lhe se poderia deixar os \$R100 como reserva, de tal forma que, quando ela voltasse, poderiam acontecer duas coisas: ou teria terminado de resolver seus assuntos e iria embora, ou ficaria ali aquela noite e o dinheiro serviria para pagar a diária completa. Se ela fosse embora, Dona Gleuza lhe devolveria o dinheiro, caso não tivesse aparecido outro cliente. Se alguma pessoa tivesse procurado o quarto e Da..Gleuza não o tivesse alugado pela reserva de Dulcinéia, então ela perderia o dinheiro e tudo estaria bem para as duas. Ambas concordaram com o plano, Dulcinéia pagou sua reserva com uma nota de R\$ 100 e lá se foi a resolver seus assuntos...

Dona Gleuza, quando ficou só, lembrou-se que há bem uns três meses devia essa quantia ao compadre Raimundo, pelo conserto do telhado da pousada, que o compadre fizera, sem pedir nenhum sinal nem garantia! Que tentação! Pagar o compadre Raimundo que andava tão precisado... Achou que poderia arriscar, porque, finalmente, o mais provável era que Dulcinéia ficasse por lá mesmo...

Entusiasmada, levou a nota brilhante a Raimundo que, nem bem pôs os dedos nela e a comadre desapareceu da frente dos seus olhos, lembrou-se que estava devendo exatamente R\$ 100 ao farmacêutico do bairro, Seu Luís, que lhe tinha fiado antibióticos e Vitamina C quando seu filho menor teve pneumonia, há um mês atrás. Orgulhoso, foi cumprir com seu compromisso de saldar a dívida o antes possível, e Seu Luís ficou realmente muito agradecido.



3. E o que são os “clubes de troca” ?

Clubes de troca, mutirões ou redes de trocas solidárias são diferentes nomes que se dão aos grupos que se organizam para intercambiar seus produtos e serviços sem usar dinheiro. Assim, o pouco dinheiro disponível pode ser utilizado para outras finalidades e pode-se ter acesso a muitos bens e serviços que de outra forma não seriam possíveis.

Desde o princípio dos tempos, a troca ou escambo foi a forma de intercambiar produtos e serviços por outros objetos e serviços, diretamente, sem a utilização de dinheiro. Duas eram suas principais limitações:

* nem sempre quem necessita algo pode oferecer algo em troca à mesma pessoa que produz aquilo que ela necessita;

* nem sempre os valores intercambiados são equivalentes.

Nos clubes de troca, essas dificuldades são superadas graças ao uso de uma “outra moeda”, que substitui o dinheiro oficial entre os participantes do grupo.

Na verdade, historicamente, a moeda apareceu para remediar este tipo de situação. Com o passar do tempo, ela “evoluiu” e deixou de ser usada somente como meio de pagamento e unidade de contas; adquiriu valor de reserva e se transformou em mercadoria, transformando a sua acumulação em equivalência de riqueza...

Por isso, as diversas formas de resistência a esse tipo de economia que concentra o dinheiro em poucas mãos inventaram uma “outra moeda” que corrige a História e devolve a função primitiva de ser somente facilitadora dos intercâmbios entre produtores e consumidores. É nesse sentido que, longe de ser uma regressão ao passado como a vem alguns, a moeda social significa uma superação dessa encruzilhada do sistema financeiro internacional, onde hoje o dinheiro foi retirado da produção e desviado para a especulação.



4. É ilegal produzir moeda social?

Absolutamente legal. Porque seu uso é voluntário entre as pessoas, ninguém é obrigado a aceitar moeda social, e também porque ela não pode ser depositada em bancos para gerar mais moedas, sem trabalho humano. Mais que legal, é uma importante ferramenta das finanças solidárias, que vem crescendo no mundo inteiro e já teve experiências muito significativas como é o caso da Argentina, onde a crise de desemprego provocou a existência de mais de dez mil grupos organizados e a presença de mais de seis milhões de pessoas que aderiram à idéia! Na verdade, nos últimos vinte anos, começaram a aparecer no mundo diferentes formas de fazer transações sem dinheiro, seja por um sistema de contas, no qual cada pessoa tem direito a certa quantidade de débito (dívida) e certa quantidade de crédito (poupança), seja pela utilização de alguma forma de vales ou bônus feitos, distribuídos e controlados pelos próprios participantes. As experiências pioneiras foram os LETS (Let's significa "Vamos!") iniciados por Michael Linton em Vancouver (Canadá) em 1982, e depois disseminados na Inglaterra, Escócia, Noruega, Finlândia, Bélgica, Holanda, França, Austrália e Nova Zelândia. Em 1992, apareceram as HORAS de Ithaca (Estados Unidos) impulsionadas por Paul Glover, como forma de promover o desenvolvimento local. Hoje existem mais de 700 iniciativas similares, somente nesse país.

Tudo fica mais claro se recorremos à definição de dinheiro dada pelo economista Bernard Lietaer, um dos autores da moeda oficial européia, e desde mais de uma década entusiasta promotor das moedas sociais no mundo inteiro: dinheiro é um acordo dentro de uma comunidade para utilizar algo como meio de pagamento!

Se hoje falta dinheiro na sua casa, é porque as pessoas comuns perderam o direito de ter trabalho digno e dinheiro porque ele foi embora para o circuito financeiro, onde os bancos se dedicam a fabricar mais dinheiro para se transformar...em dinheiro! Se quiser saber mais sobre o funcionamento do sistema financeiro internacional visite o sítio como é possível que alguém pense: "Quero a Terra toda e mais 5%".

Mesmo se desconhecemos os misteriosos labirintos do mundo das finanças, é bom saber que essa definição de dinheiro é praticada de muitas formas na atualidade e já estamos convivendo com muitas formas de dinheiro de empresas privadas, que nem parece dinheiro! Parece que esta é a oportunidade de fazê-lo entre os que mais precisam dessa ferramenta, não?



A moeda social converte-se, então, numa inovação rupturista da própria ordem financeira do capitalismo globalizado: produtores e consumidores se aliam para independentizar-se da escassez de moeda, gerenciando além disso o crédito e a incidência na política pública voltada ao desenvolvimento local. As quatro etapas de desenvolvimento do Projeto (que podem ser aprofundadas em www.redlases.org.ar/HTML/colibri.htm) são:

- I. Reativação dos recursos locais
- II. Sistemas Alternativos de Financiamento
- III. Sistemas de Intercâmbio Compensado
- IV. Gestão Associada Participativa Estado/Sociedade Civil.

A moeda social intervém na etapa III, quando a comunidade já está comprometida com o seu próprio desenvolvimento, de modo que ela terá forçosamente legitimidade e aceitação. Esta proposta acaba de ser confirmada pelo êxito do Banco Palmas com a criação da Rede Latinoamericana de Bancos Comunitários (www.bancopalmas.org.br)

30. Quais são as principais inovações do Projeto COLIBRI ?

Acreditamos que a inovação mais importante do Projeto são as três idéias-força que lhe dão sustento e que nos permitiram produzir *ferramentas* que promovem a saída do paradigma da escassez e a passagem - de forma lenta e permanente - ao paradigma da abundância. São elas:

*** O poder é um jogo permanente, inevitável, necessário e criativo.**

*** Os recursos do planeta são abundantes e capazes de produzir o bem viver de todos os seus habitantes, em harmonia com a natureza.**

*** Tudo está relacionado com tudo: cada um de nós incide e é responsável por sua parte e também pelo todo.**

Se essas idéias lhe interessam, está convidado a permanecer em contato com o Projeto, já que em breve estaremos disponibilizando um sistema de aprendizado a distância, com o qual poderão conhecer e praticar as ferramentas de radicalização da democracia.



28. Quais foram as respostas dos grupos à crise das redes de trocas e à crise do país ?

Cada país tem suas formas próprias de resposta às crises. No caso da Argentina, houve vários tipos de respostas, ora mais políticas, ora mais econômicas, de todos os setores da sociedade: “piqueteros” que cortavam os caminhos, “poupadores” defraudados com os bancos, empregados de fábricas quebradas que se organizaram para “recupera-las”, assembléias de bairro por quarteirões... Durante dois anos a sociedade que parecia haver explodido se organizou e hoje retomou seu ritmo de crescimento “desejável”... ao menos para os organismos de crédito internacional! Como no Brasil, pagou-se uma parte significativa da dívida externa antecipadamente. À diferença do Brasil, fechou-se o escritório do Fundo Monetário Internacional em Buenos Aires. É possível que a velocidade de crescimento da indigência e da pobreza tenha baixado, mas ainda vemos demasiadas pessoas dormindo nas ruas da Capital, demasiadas crianças limpando parabrisas e abrindo portas de automóveis, para acreditar que as cifras oficiais revelam a verdade mais profunda da dívida interna...

Por isso, tendo em conta que a solução parece passar mais por **RADICALIZAR** a democracia que por decisões externas,, insistimos no lançamento de um projeto em escala latinoamericana. Em junho de 2003, lançamos o Projeto COLIBRI, de formação de promotores do desenvolvimento local integral e sustentável, com o objetivo de formar uma rede de 3000 agentes multiplicadores na América Latina.

29. En que consiste esse Projeto e qual o papel da moeda social?

O Projeto COLIBRI tem varias dimensões, sendo a primeira delas por à prova a própria idéia de que a moeda social é um instrumento de radicalização da democracia, como foi em seu momento mais visível o orçamento participativo de Porto Alegre. Para isso, fez-uma análise dos êxitos e fracassos de diferentes iniciativas das gestões democráticas deste continente e também de iniciativas das finanças solidárias que tiveram origem na Ásia, como os Bancos Populares de Microcrédito, no modelo Grameen Bank. Assim, com base nessas **três** iniciativas próprias das economias populares e da construção de cidadania que são o **microcrédito**, o **orçamento participativo** e os **clubes de troca** em rede, foi concebido um projeto onde o eixo se deslocava do desemprego e do alívio à pobreza, ao empreendedorismo social e à distribuição do poder para redistribuir a riqueza...



5. Quantas iniciativas há no Brasil atualmente ?

Não se sabe! Mas sim é certo que o primeiro clube de trocas do Brasil foi criado em agosto de 1998, em São Paulo, por iniciativa da ADI (Associação para o Desenvolvimento da Intercomunicação), quem confiou a Carlos Henrique Castro e Sueli Mendes Freire a missão de conhecer por dentro os clubes da Argentina e organiza-los nessa cidade. Depois chegaram os do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Vitória da Conquista, Goiânia e Fortaleza. Atualmente, apesar de não existirem estatísticas centralizadas, hoje estima-se a existência de uns cem clubes em funcionamento. A SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego - que reconhece e apóia os clubes de troca como uma das formas de empreendimentos da Economia Solidária, organizou em 2004 a primeira reunião de articulação dos clubes a nível nacional (www.sies.mte.gov.br) e promoveu a participação dos mesmos na Primeira Feira Nacional de Economia Solidária que ocorreu em abril de 2006, na cidade de São Paulo. Vários clubes de trocas participaram de todas as edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Mumbai e Caracas, e desde 2005 estão presentes na Feira de Cooperativismo Alternativo de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

6. É possível organizar algo simples e atraente para demonstrar que podemos melhorar as condições de vida de nossas famílias e do nosso bairro ?

Claro que sim. Mesmo que você nunca tenha ido, ou tenha ido mas não tenha compreendido bem do que se trata, é possível organizar uma Feira de Trocas Solidárias com todos os elementos que depois permitem continuar com grupos permanentes. Prepare tudo e antes de fazer, verifique com alguém que já tenha experiência! Somos muitos os que damos assessoria a esse tipo de eventos, mesmo a distancia...

7. Como podemos chamar essa iniciativa?

Aconselhamos chama-la MTS : MERCADO DE TROCAS SOLIDÁRIAS porque já se está usando esse nome, mas pode escolher Feira de Trocas Solidárias, se não houver confusão com outra já existente. *Porque o que vale é o que se faz lá...* Pode durar duas ou tres horas, uma tarde ou vários dias, como é o caso da Feira de Santa Maria.



II. COMO FAZER MUDAR O QUE NAO ESTA BEM:

Começar por uma Feira de Trocas Solidárias no seu bairro

8. E o que é o MTS Mercado de Trocas Solidarias?

É um espaço onde as pessoas trocam entre elas produtos, serviços e saberes sem o uso de dinheiro, de uma forma solidária, que promove a cooperação em vez da competição, própria do mercado neoliberal, respeitando normas éticas e ecológicas ao produzir e consumir.

Num evento de curta duração, seja preparado exclusivamente como MTS, seja incluído num evento maior que já esta acontecendo, é muito importante lembrar que seu objetivo principal é de caráter pedagógico, cultural e político, ou seja, o MTS propõe a todos participantes vivenciar uma nova maneira de fazer circular a riqueza, com a lógica das trocas solidárias, onde os resultados podem ser alcançados sem a utilização de dinheiro.

Nas experiências realizadas até agora, viu-se que muitas pessoas que passam pelo espaço das trocas acabam se interessando por produtos expostos, porém como não têm moeda social, não podem adquiri-los -por que no MTS só se usa moeda social- nem conhecer o mecanismo da feira de trocas. Por isso, é que recomendamos que elas sejam encaminhadas a outros empreendimentos da feira, onde podem comprar produtos com moeda oficial, leva-los ao Ecobanco para trocar por moeda social e participar das trocas solidárias. Como resultado dessas práticas, mais pessoas participam e mais empreendimentos solidários aumentam suas vendas e conhecem as trocas com moeda social como possibilidade da Economia Solidária.

9. Qual é a função da moeda social?

A função da moeda social é facilitar as trocas de produtos, serviços e saberes. Ela funciona como se fosse um “vale”, que só pode ser utilizado durante um período determinado, acordado entre os organizadores do evento. Não é uma “moeda” em sentido estrito do termo, por isso é legal e já foi mesmo apoiada pelo Banco Central do Brasil, em 2004.



IV. COMO FORMAR PARTE DE UMA COMUNIDADE MAIOR

Conhecer e articular-se com outras experiências

27. O que aconteceu com as redes de troca na Argentina ?

Depois de haver atingido o auge de seis milhões de pessoas envolvidas nos clubes de troca, houve três processos que afetaram drasticamente o conjunto de grupos, em todas as regiões do país. Praticamente, sobreviveram inalterados aqueles grupos que eram independentes e não aceitavam moedas sociais de outros grupos. Mas mesmo assim, a frequência de visitantes caiu dramaticamente, já que a pedra fundamental da *confiança* foi profundamente lesionada. Hoje fala-se de umas 100.000 pessoas em todo o país e somente uma rede com mais de 20.000 sócios: Club del Trueque Zona Oeste da Grande Buenos Aires.

Ocorreram três fatos que mudaram o curso dos acontecimentos:

1. Houve sobre-emissão de “moedas sociais” por parte de um grupo que se transformou em titular do “Banco Central”; depois outros copiaram o modelo..
2. Com isso, começou a haver “venda” das “moedas sociais”, por um valor significativamente menor que aquilo que podia ser adquirido com as mesmas; ou sejam, quem “comprava” moedas, enganava a quem entregava produtos...
3. Houve falsificação massiva das moedas em todo o país e com isso uma hiperliquidez que provocou hiperinflação e distorsão nos preços entre regiões.

Uma evidência desses fatos é que hoje em dia nos clubes “fechados” ou onde essas práticas não chegaram, a relação moeda oficial:moeda social continua sendo aproximadamente 1:1, enquanto naqueles onde houve excesso de circulante e inflação, a paridade chegou 1:1000!

O que falhou? Sem nenhuma dúvida, a parte política do projeto: não houve autogestão; a informação, os cargos e os lucros se concentraram em poucos que aproveitavam o trabalho de muitos, sendo que a grande maioria dos membros dos clubes de troca somente participava em “comprar ou vender” e ignorava os assuntos coletivos.

Por isso, analisando as experiências que permaneceram, vimos que as respostas deviam incluir necessariamente: MAIS ENVOLVIMENTO DE TODOS, MAIS CONHECIMENTO, MAIOR TRANSPARÊNCIA NA GESTÃO!

Em outras palavras, mais DEMOCRACIA PARTICIPATIVA, ou simplesmente mais DEMOCRACIA!



26. Como é possível desenvolver atitude empreendedora em pessoas que sempre foram empregadas no mercado formal?

As tendências atuais de grande parte dos planos de governo são os programas dedicados a promover pequenas e médias empresas e também o setor microempresário, que é o nome delicado com que se denomina, atualmente, às massas crescentes de "desempregados para sempre". O que nunca pudemos compreender é essa espécie de amnésia oportunista oficial que omite que, se o dinheiro escapou para o circuito financeiro, de que servirá criar novos *produtores* se não se criam novos *consumidores*? Em outras palavras, a quem pensam que esses "novos produtores" venderão seus produtos não há dinheiro circulando? Difícil saber, mas explicável pela inércia de seguir cometendo os mesmos erros...

Para não cairmos nas belas palavras, o segundo bloco destinado a produzir o câmbio de paradigma está inspirado na teoria do chileno Fernando Flores, que em sua obra "Abrir novos mundos: habilidade empresarial, democracia e solidariedade" propõe a criação de identidades empreendedoras que sejam ao mesmo tempo solidárias e construtoras da democracia. E a partir desta obra propomos a prática de atividades que desenvolvam nossas habilidades de:

sermos solidários: ela é expressada, nos clubes de trocas, como a não acumulação de moeda social, porque isto equivale a consumir tanto quanto produzimos para a rede;

sermos empreendedores: na medida que nos preocupamos em produzir com eficiência social, isto é, produzir com o menor custo e maior qualidade, tomando o máximo de insumos da Rede.

sermos políticos, isto é, sermos responsáveis pelo bem comum, no sentido de assumir cada vez mais papéis para o crescimento da Rede, a difusão do sistema, a negociação de espaços na imprensa, melhores espaços para as feiras, novos sócios com novos produtos, novas alianças com outros setores sociais, etc.

O Programa de Alfabetização Econômica o fez e agora o Projeto Colibri está sendo implantado com um impacto significativo, mostrando-se capaz de articular-se com outras formas de economia solidária, como é o caso do microcrédito, que permite a seus usuários ter acesso a uma mínima quantidade de recursos em moeda do sistema formal, iniciar-se na produção e logo ter acesso ao mercado cativo das Redes de Trocas, que lhes dão o que o mercado formal lhes nega: clientes *prossumidores*, aos quais lhe comprarão por sua vez, evitando a concentração do eventual "excedente" em moeda social.



10. O que é Ecobanco?

Ecobanco é o mecanismo responsável pela emissão, controle, distribuição e retirada da moeda social de circulação num espaço de trocas solidárias. Tem por finalidade colocar a moeda social em circulação, basicamente através da troca de moeda social por produtos que formarão o lastro do Ecobanco. Tendo em conta a finalidade educativa do processo, costuma-se adotar a equivalência de uma moeda social por cada moeda oficial. Ou seja, para cada 1 R\$ (um real) ingressado em produto no Ecobanco, uma moeda social entrará em circulação. Ao final do evento, o Ecobanco realiza a operação inversa, informando antecipadamente a todos os participantes do evento o dia e horário em que serão colocados os produtos a disposição de quem ainda tiver moedas sociais em seu poder.

11. O que é o lastro do ecobanco?

Lastro do Ecobanco é o conjunto de produtos obtidos por troca com a moeda social; também se pode receber doações ou empréstimos de empreendimentos da Economia Solidária ou colaboradores, de modo a garantir que todas as moedas sociais colocadas em circulação possam ser "destrocadas" ao final do evento. As doações, assim como os produtos incorporados ao lastro, devem ter alta aceitação entre os participantes, por isso é conveniente que produtos da cesta básica sejam incorporados a ele. Deve ser informado um horário preciso para desfazer o lastro antes do final da Feira, de modo que os participantes saibam como recuperar produtos se tiverem aceito muitas moedas sociais, como costuma acontecer no caso de quem vende alimento de consumo imediato...

12. Como se pode participar do MTS ?

Todas as pessoas que participam do evento, inclusive os empreendedores solidários que trouxerem produtos em boas condições de uso, oferecerem serviços e saberes, além de preencherem o cadastro terão direito de participar. Por seu caráter educativo, o único impedimento nesse espaço é a negociação de produtos, serviços e saberes por dinheiro. Os produtos, serviços e saberes oferecidos durante o espaço de Trocas Solidárias são de absoluta responsabilidade dos que oferecem, assumindo qualquer problema por eles causados. É aconselhável que produtos de valor superior a R\$ 100 (cem reais) sejam cadastrados com nome, endereço e documento de identidade, evitando o risco de comercialização de produtos roubados.



13. Quais são as formas de participação possíveis?

É possível participar fazendo *troca direta*, isto é, oferecendo seu produto, serviço ou saber em forma direta: ao identificar algo que necessite ou interesse, pode oferecer uma trocar por aquilo que trouxe, desde que ambas as partes concordem. Também é possível fazer a *troca indireta*, através da moeda social, levando uma pequena parte ao Ecobanco ou indo diretamente ao espaço indicado na Feira, trocando seus produtos por moeda social e usando-as depois para adquirir outros produtos, serviços e saberes.

14. Como se prepara o MTS - Mercado das Trocas Solidárias?

Em nossa experiência, é importante seguir cuidadosamente a preparação das distintas etapas:

PRIMEIRA ETAPA - ANTES DA FEIRA

* Formar uma comissão de no mínimo 10 pessoas.

* Fazer a distribuição das tarefas:

3 pessoas para atuar no Ecobanco

4 pessoas na recepção junto à feira de trocas (devem ser 3 no mínimo; a quarta pode dedicar-se a conversar com os expositores durante a feira para acompanhar)

1 pessoa para atualizar a seção de “classificados” de ofertas e necessidades

1 pessoa na área de comunicação, utilizando os veículos comunicação presentes

1 pessoa para conversar com os expositores, empreendimentos solidários, convencendo a oferecer seus produtos no espaço de trocas



Como exemplo, sugerimos que nas feiras semanais, a partir de uma coordenação partilhada, os papéis mínimos sejam de:

animador, quem dá a palavra e conduz a reunião como “dono da casa”,
recepcionista, quem recebe e direciona as pessoas, novas e “velhas”,
cronometrista, quem cuida da duração do tempo para que a atividade termine no horário,

secretário, quem anota os nomes, telefones e ofertas para que depois se confeccionem as listas,

monitor de qualidade e preço, quem releva permanentemente a informação e sugere modificações, para promover *qualidade e solidariedade*,

detector de jogos triádicos, quem observa as condutas grupais para que os novos participantes comecem a aceitar o jogo do poder como legítimo e

EPS, quem destaca e “condecora” condutas destacadas em capacidade *empreendedora, política e solidária*.

Podem-se acrescentar todos os que sejam necessários, a critério do grupo.

E o que tem esta prática a ver com o jogo do poder?

Pratica-se a divisão do poder real no simples fato de assumir e respeitar a *oficialidade* delegada a cada um, por um curto período de tempo, para que cada participante exerça seu papel, a sua maneira, com total PODER de decisão sobre sua forma e conteúdo. E também a aceitar a *antioficialidade* que aparece em forma de sugestão ou proposta e não de “receita” ou “ordem superior”, de como fazer melhor as coisas para o crescimento do grupo, como empreendedores e como empresa social.

ANIMEM-SE! E DEPOIS INFORMEM SEUS RESULTADOS E AS MODIFICAÇÕES PARA QUE POSSAMOS CRESCER TODOS JUNTOS !



Para este autor, o poder é um jogo de três subgrupos, em constante movimento. e é possível não só observá-lo, como cambiá-lo e conduzi-lo!

O subgrupo que detém o poder em determinado momento se denomina subgrupo **oficial** e tenta manter-se no poder (se lhe convém, está claro) todo o tempo possível, utilizando para isso todas as ferramentas a seu alcance, estabelece normas, troca as normas, “compra votos”, etc..

Para sua sorte, sempre há alguns integrantes que se opõem a isso e tentam tirá-lo de seu lugar; são denominados subgrupo **antioficial**: basta que alguém tenha uma idéia simples e bonita para que outro alguém acredite....exatamente o oposto!

Assim se arma o jogo “*não estou de acordo!*”, expressado de muitíssimas formas como sintoma da aparição do jogo do poder! Se não acreditam, façam a prova com cada um de vocês mesmos e observem quanto tempo passa antes que essa expressão apareça em sua mente silenciosa quando alguém começa a falar...

Mas não está tudo perdido, precisamente, porque falta o terceiro do jogo, o subgrupo **oscilante**, que ajuda a mudar de posição, a um ou a ambos! Também é conhecido como disponível, já que está disposto a negociar, “ter cabeça fria” e fazer os cálculos para ver a quem apóia... tal como as maiorias silenciosas que decidem as eleições e pagam impostos, até sem querer.

25. Como se põe em prática essa teoria nos Clubes de Trocas?

Na gestão dos clubes de troca adotamos uma técnica denominada Dinâmica Grupal Explícita, que consiste em dividir as tarefas de condução do grupo em pequenas tarefas bem definidas, que são negociadas por períodos relativamente curtos com cada participante e que vão mudando permanentemente, buscando a autogestão. Aparece então o papel de alguém que anima, que controla, que canta ou conta piadas. Todos os papéis são necessários para o crescimento de um grupo tão complexo como qualquer grupo humano!

Somente devemos encontrar o jeito para que as pessoas participem. E isso é tarefa de cada Grupo Promotor!



Operatoria: É importante que haja flexibilidade, podendo ficar duas pessoas em movimento, para acompanhar os “êxitos” e “dificuldades”, ou seja, em certos momentos é aconselhável diminuir uma pessoa na recepção. Das três pessoas do Ecobanco, é importante que pelo menos uma pessoa tenha praticado o uso da moeda social, da formação de lastro, distribuição da moeda social, além de ter participado de feiras de trocas, de ser conhecido pela comunidade e responsável em todas atividades anteriores já realizadas. *Esta garantia é necessária porque não se pode errar no funcionamento do Ecobanco: o erro pode comprometer as possibilidades futuras de projetos e ações que se pretendam realizar na Economia Solidária.*

É importante que essas 10 pessoas participem de todas as etapas do processo:

a- Deve-se fazer uma primeira reunião, com o objetivo das pessoas se conhecerem e trocarem impressões sobre o que pretendem realizar, buscando fortalecer a amizade e confiança entre os organizadores do espaço de Feira de Trocas.

b- Em caso de existir, é aconselhável apresentar à Feira de Economia Solidária Estadual um projeto com as necessidades básicas para o funcionamento do espaço de feira de trocas, além de acompanhar todas reuniões do Fórum Estadual na preparação da Feira Estadual.

c- Necessidades básicas para organizar o MTS:

- * Local adequado para o funcionamento do Ecobanco e MTS;
 - 1 Box para o Eco Banco
- * 1 mesa com gaveta e chaves de segurança para o Ecobanco
- * 3 cadeiras
- * 1 Balcão para atender os participantes da Feira de Trocas
- * 10 mesas para Feira de Trocas
- * 20 cadeiras para a Feira de Trocas
- * 3 cadernos para controle do lastro, controle de emissão das moedas sociais e o livro de visitas, onde os participantes se registram e deixam impressões ao final
- * 5 canetas esferográficas
- * 5 pincéis atômicos de cores diferentes, se possível
- * 2 rolos de fita adesiva não transparente (para anotar os valores dos produtos adquiridos no lastro)
- * 1 banner - Ecobanco - Banco da casa da moeda social
- * 1 faixa - FEIRA DE TROCAS SOLIDÁRIAS - SEJA BEM VINDO



* 100 Cestas Básicas para segurança do lastro e para pagamentos em moeda social dos colaboradores da Feira de Trocas Solidárias.

* 1.000 folhas de questionário de avaliação do Espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias.

* Cartilhas como organizar um espaço de Feira de Trocas ou Mercado de Trocas Solidárias.

* Panfletos de divulgação sobre como participar da Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias. Neles pode solicitar-se que venham com alimentos não perecíveis para participar do evento.

* Un mínimo de 10.000 cédulas de modelos diferentes e com numeração de série:

MS \$ 0,50 - 1.000 cédulas de numeração de série de 0001 a 1000.

MS \$ 1,00 - 5.000 cédulas de numeração de série de 0001 a 5000.

MS \$ 2,00 - 2.000 cédulas de numeração de série de 0001 a 2000.

MS \$ 5,00 - 2.000 cédulas de numeração de série de 0001 a 2000.

DIVULGAÇÃO DO MERCADO DE TROCAS SOLIDÁRIAS OU ESPAÇO DA FEIRA TROCAS SOLIDÁRIAS.

No caso de existir, a equipe de comunicação da Feira Estadual de Economia Solidária deverá colocar em todos os materiais de divulgação, que nele vai acontecer uma Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias em local definido. Se for uma iniciativa independente, este aspecto deve ser muito bem tratado: oferecemos ajuda aos que necessitarem.

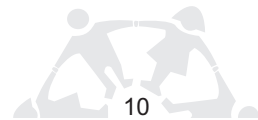
SEGUNDA ETAPA - DURANTE A FEIRA

Toda a Comissão Organizadora deverá estar no local do funcionamento do espaço de Feira de Trocas ou Mercado das Trocas Solidárias para iniciar as atividades.

Deverá verificar se as moedas sociais estão em ordem, registrar a saída e a entrada das moedas sociais no livro de controle.

Deverá distribuir as atividades entre os membros da comissão e iniciar o espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias.

Deverá ser feito acompanhamento permanente e eventual substituição de pessoas em tarefas, em caso de necessidade.



23. É possível mudar nosso modo de pensar e agir, na vida e na Economia somente a partir das feiras?

Em nosso entender, as feiras são necessárias, mas não suficientes para construir novas relações sociais e de produção, porque o modelo econômico dominante é muito forte e vem embutido em nossas práticas mais elementais: aprendemos quase sempre a competir e raramente a cooperar, tendemos a maximizar o lucro e poupar para o futuro.

Como proposta de garantir sustentabilidade nas práticas sociais, temos o Programa de Alfabetização Econômica e o Projeto Colibri, com os quais estamos desenvolvendo a formação de um corpo de Promotores de Economia Solidária na América Latina, em apoio ao novo paradigma. Trabalha-se sobre dois eixos:

- melhorar as estratégias de negociação no interior dos grupos,

- construir novos perfis de empreendedores sociais.

24. De onde vem os conteúdos do Programa de Alfabetização Econômica e do Projeto Colibri ?

Partimos de duas posturas teóricas bem identificadas: a do economista belga já citado, Bernard Lietaer, que considera que vivemos inconscientemente no paradigma da escassez, quando poderíamos estar vivendo no paradigma da abundância! Para ele, a própria definição da Economia como ciência que estuda a administração da “escassez” de recursos para necessidades sempre crescentes, condiciona essa visão. Esse “pecado original” se completa mais tarde com uma errônea compreensão do fenômeno social do dinheiro, administrado para concentrar a riqueza e não distribuí-la. A outra contribuição vem do sociólogo brasileiro Waldemar De Gregori, autor da “Teoria triádica do poder”, que define o poder como um fenômeno inerente ao ser humano. Seria inútil tentar escapar das malhas da rede... do poder! Será assim? Será possível mudar? Será realmente necessário gastar tanta energia nos grupos com esse jogo que parece não ter fim?

Gostaríamos de mostrar-lhes em seguida uma explicação distinta e uma técnica simples, com a que trabalhamos nas Redes de Trocas Solidárias, na Argentina e no Brasil. Tivemos bons resultados, que conduzem a uma melhor qualidade de vida, dentro da rede e fora dela, além da economia de energia, que nos permite bem viver com os outros!



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA REDE DE TROCAS SOLIDÁRIAS

1. *Nossa realização como seres humanos não necessita estar condicionada pelo dinheiro.*
2. *Não buscamos promover artigos e serviços, mas somente ajudar-nos mutuamente a alcançar um sentido de vida superior, mediante o trabalho, a compreensão e o intercâmbio justo.*
3. *Sustentamos que é possível substituir a competência estéril, o lucro e a especulação pela reciprocidade entre as pessoas.*
4. *Acreditamos que nossos atos, produtos e serviços podem responder a normas éticas e ecológicas, antes que aos ditados do mercado, do consumismo e da busca do lucro a curto prazo.*
5. *Os únicos requisitos para ser membro da Rede de Trocas Solidárias são assistir às reuniões do grupo, capacitar-se para ser produtor e consumidor de bens, serviços e saberes, nos padrões adotados por cada grupo e praticar permanentemente condutas de produzir com qualidade e praticar a ajuda mútua.*
6. *Sustentamos que cada membro é responsável por seus atos, produtos e serviços.*
7. *Consideramos que pertencer a um grupo não implica nenhum vínculo de dependência, pois a participação individual é livre e extendida a todos os grupos da Rede.*
8. *Sustentamos que não é necessário que os grupos se organizem formalmente, de modo estável, pois o caráter de rede implica na rotação permanente de papéis e funções.*
9. *Acreditamos que é possível combinar a autonomia dos grupos na gestão de seus assuntos internos, com a vigência dos princípios éticos fundamentais da Rede.*
10. *Consideramos recomendável que os integrantes não patrocinem ou apoiem como membros da Rede a uma causa alheia a ela, sem prévia consulta aos seus membros, para não nos desviarmos dos objetivos fundamentais que nos unem.*
11. *Sustentamos que o melhor exemplo a dar é nossa conduta no âmbito da Rede e em nossa vida fora dela. Guardamos confidencialidade sobre os assuntos privados e prudência no tratamento público dos temas da Rede que afetem o seu crescimento.*
12. *Acreditamos profundamente numa idéia de progresso como consequência do bem viver sustentável do maior número de pessoas do conjunto das sociedades.*
13. *Na Economia Solidária, nada se perde, nada se presenteia: tudo se valoriza, tudo se recicla, toda riqueza comum e todo lucro se distribui por igual.*

TERCEIRA ETAPA - FINAL DO EVENTO

A Comissão Organizadora deverá entregar a todos os participantes da Feira um questionário com perguntas avaliando o funcionamento em todos seus aspectos.

Todos os membros da Comissão deverão colaborar no processo de desarme do lastro, sendo aconselhável a descentralização do lastro em até 4 postos do espaço da Feira de Trocas Solidárias, evitando a concentração de muitas pessoas em um único local.

Caso aconteça de muitas pessoas terem acumulado moedas sociais e queiram troca-las ao mesmo tempo, pode-se adotar uma alternativa que tem dado resultado: formam-se 4 filas e cada pessoa tem a opção de trocar de no máximo 10 moedas sociais. Se ainda ficar com moedas, voltará à fila e trocará novamente, até completar o total.

ALGUMAS QUESTÕES QUE DEVEM SER PENSADAS ANTES OU MESMO DURANTE O EVENTO:

- 1 - Dos organizadores do espaço de Feira de Trocas :
Deverão procurar fazer uma experiência piloto de funcionamento do espaço de Feira de Trocas Solidárias ou Mercado de Trocas Solidárias, com objetivo de identificar possíveis falhas e corrigi-las a tempo.
- 2 - Dos produtos adquiridos na formação do lastro:
É importante uma avaliação correta e solidária dos produtos, para que no momento de resgatar as moedas sociais não fiquem produtos indesejáveis por sua insuficiente qualidade ou valor fora do mercado solidário.
- 3 - Caso não se conforme um lastro suficiente para resgatar as moedas sociais colocadas em circulação, não deve ser permitido o pagamento dos serviços prestados pelos colaboradores com moedas sociais, se não foram previamente negociados. São considerados serviços prestados à Feira de Trocas Solidárias:
a - Pagamento de horas de trabalho na Feira;
b - Compra de alimentos, sucos ou água para os colaboradores durante o horário da Feira;
c - Toda e qualquer saída necessária ao bom funcionamento da Feira, que não seja a compra de produtos para o lastro.



4 - É muito importante prestar especial atenção aos empreendimentos de alimentação:

* estes empreendedores devem negociar apenas uma parte de suas produções;

* deve ficar bem claro que as moedas sociais adquiridas serão gastas somente entre os empreendedores que a aceitarem voluntariamente;

* deve-se esclarecer especialmente a esses empreendedores as condições da Feira ou Mercado de Trocas Solidárias, para evitar que acumulem moedas sociais que não possam ser trocadas por produtos de sua preferência ou necessidade.

FAÇA ACONTECER! E CONTE CONOSCO PARA O QUE PRECISAR!

ESCREVA SUAS EXPERIÊNCIAS: ELAS SERÃO ÚTEIS PARA TODOS OS QUE AINDA NÃO SE ANIMARAM...



Assim, a massa monetária social de 5.000 (cinco mil) Talentos da primeira edição do nosso “ECOBANCO” poderia estar formada por:

100 bilhetes de 10 T (1.000 T) + 400 bilhetes de 5 T (2.000 T) + 500 bilhetes de 2 T (1.000 T) + 500 bilhetes de 1 T (500 T) + 500 bilhetes de 0,50 T (250 T) + 1000 bilhetes de 0,25 T (250 T).

SOMEM TUDO E TERÃO OS 5.000 TALENTOS !

Cada participante receberia, no máximo, neste caso, seus 50 Talentos, assim distribuídos:

1 bilhete de 10T + 4 bilhetes de 5T + 5 bilhetes de 2T + 5 bilhetes de 1T + 5 bilhetes de 0,50T + 10 bilhetes de 0,25T!

21. Qual é o respaldo da moeda social, seja ela “talento”, “bônus” ou “crédito”?

Uma das características da moeda social é, precisamente, seu caráter social: *ela é criada, distribuída e administrada com transparência e equidade por seus próprios usuários, que a usam para intercâmbios dentro de um círculo fechado, onde todos produzem e consomem, em situação de certo equilíbrio, isto é, sem acumular moeda.*

Apesar de que o respaldo em ouro da moeda oficial deixou de existir em 1971, a moeda social pode ter respaldo no Ecobanco do próprio grupo através do depósito de produtos dos usuários: esse é o lastro! Em outras palavras, faz-se o mesmo mecanismo que aquele já explicado para o MTS e deixa-se material não perecível depositado no ecobanco, se houver lugar para isso. Mais ainda, é possível conformar um respaldo em produtos da cesta básica de modo que cada moeda social emitida tenha no ecobanco respaldo em produtos da cesta básica.

22. Como é possível promover a continuidade de participação das pessoas nos clubes de troca?

Esse é um ponto muito importante: deve-se tomar um tempo considerável para discutir com o Grupo Promotor, de modo que CADA UM seja um verdadeiro “padrinho” da iniciativa e se sintam todos responsáveis do êxito ou do fracasso do empreendimento “clubes de trocas”. Uma forma como conseguimos esse resultado foi com reuniões de avaliação depois das Feiras e grupos de discussão sobre temas de interesse comum. Um exemplo foi a adoção de uma “Carta de Princípios” da organização, mesmo que ela seja informal. A título de inspiração, transcrevemos a carta de 13 princípios adotadas por uma das redes da Argentina, para que ela seja usada como ponto de partida ou de chegada...



III. COMO IR ALÉM DISSO E ACEITAR NOVOS DESAFIOS

Continuar com um Clube de Trocas no seu bairro

20. Como se calculam quantos bilhetes e de quais valores deverão imprimir?

Como havíamos indicado com este exemplo, se estimarmos em 1 Real o valor de um litro de leite e se 'fabricarmos' nosso Talento equivalente ao Real, então 1 Talento poderá ser trocado pelo equivalente a "1 litro de leite" em qualquer produto. **RECOMENDAMOS FORTEMENTE A PARIDADE 1:1 ENTRE A MOEDA SOCIAL E A MOEDA OFICIAL:** na prática, foi o sistema que mais funcionou para que as pessoas não tenham que fazer muitos cálculos e também para que no futuro as duas moedas possam "dialogar" como circulante local.

Agora, se calcularmos que 50 Reais é suficiente para iniciar a fazer uma diferença nas contas familiares mensais, e se os membros do grupo se comprometem a produzir no mínimo 50 Reais para "trocar" na feira solidária, podemos entregar 20 Talentos na primeira feira e logo ir aumentando 10 Talentos cada duas semanas até chegar a 50. Se tivermos um grupo de mais ou menos trinta pessoas convidadas, elas utilizarão 30 vezes 50 Talentos, ou seja, 1.500 Talentos. Por outro lado, como estimamos que o número máximo para o primeiro grupo seja de 100 pessoas, deveremos produzir um total de 5.000 Talentos, ou, 100 vezes 50.

Os valores dos bilhetes e os seus desenhos deverão ser resultado da criação coletiva, para o qual poderão consultar no sítio www.redlases.org.ar vários exemplos do que foi feito em São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Santiago do Chile, Valparaíso, Catamarca, Bogotá. Mas é útil que haja uma grande quantidade das moedas (0,25, 0,50 e 1) e bilhetes (2, 5, 10 e 20) de menor valor, de modo que as contas sejam fáceis e as pessoas não tenham a possibilidade de confundir-se com novos cálculos.

Recordemos que já lhes estamos pedindo o esforço inicial de acreditar que esse papel abundante que parece um "dinheiro de brincadeira" seja visto como dinheiro legítimo, e isso não é pouco... nas primeiras feiras!



15. Se a experiência der resultados e quisermos organizar um grupo ou clube de trocas, é possível fazê-lo sozinho?

Temos certeza de que isso é possível: é o que indica a experiência da Argentina. Nesse país, o primeiro Clube de Trocas nasceu em Bernal, Província de Buenos Aires, em 1º de maio de 1995, com aproximadamente 20 pessoas trocando, entre elas, seus distintos produtos e serviços: comida, roupa, artesanatos, serviços odontológicos, consertos em casas. Com o tempo, se introduziu o "vale", "bônus" ou "crédito", para facilitar as operações entre vários grupos, ou membros de distintos grupos ou Clubes. Por causa deles, chegaram a existir mais de 10.000 grupos em todo o país, em 16 províncias, como parte da Rede de Trocas Solidárias. Estimou-se em mais de 2.000.000 sócios ativos que concorriam a mais de uma feira semanal, com um impacto sobre suas vidas equivalente até 10 salários mínimos mensais! Os *produtos, serviços e conhecimentos* que se trocavam iam de verduras, frutas, carne, ovos, alimento não industrializado, comida caseira, roupas, artesanatos, serviços diversos para a casa, serviços médicos, turismo, jardinagem, astrologia, tarot, análises clínicas, terapias tradicionais e alternativas, homeopatia, etc..

16. Por que os sócios dos clubes/redes se chamam prosumidores?

Precisamente, porque todos são **produtores** e **consumidores**. Nas redes de trocas solidárias não se pode, por definição, somente produzir e não consumir, porque se acumulariam "papéis" que não valem nada em outros espaços de intercâmbio. Também não se pode somente consumir e não produzir, porque a pessoa não teria como obter esses produtos e serviços que somente se "trocam" com moeda social e não podem ser obtidos com dinheiro. O que acontece é que, às vezes, alguns sócios começam acumular certa quantidade de moeda social, porque devem fazer transações com valores altos, como são os tratamentos com os dentistas ou a reforma de sua casa (trabalhos de alvenaria, pintura, encanamentos, etc.). Isso é perfeitamente solucionável se ambos são membros estáveis da Rede, já que a confiança mútua permite fazer pagamentos semanais ou mesmo contrair dívidas a curto prazo.

Sempre que possível, os membros do Grupo Promotor devem explicar que o mecanismo "redistributivo" de uma rede solidária implica que alguns valores sejam "corrigidos" para baixo (por exemplo, os trabalhos dos profissionais e empregados), enquanto outros podem ser ligeiramente incrementados em seu valor em moeda social (como são os trabalhos cujos insumos implicam em alto custo em dinheiro, cuja mão-de-obra no mercado é muito pouco valorizada e cujos produtores se encontram em situação de desemprego prolongado, por exemplo). **NAO SE TRATA MAIS DE QUE AS CONTAS "FECHEM"...**



17. Como se começa um grupo ou clube de trocas com moeda social ?

Na nossa experiência, os melhores resultados se produzem quando se parte de um grupo de 20 pessoas no mínimo, para iniciar. Se são 30, melhor, mas se são 50 ou mais, é necessário ter muitas boas técnicas de condução grupal, ou deverá tratar-se, de preferência, de um grupo previamente organizado ao redor de uma temática comum, econômica ou não.

De todos os modos, o grupo deve estar sendo conduzido por um pequeno grupo de 2-5 líderes claramente identificados pela comunidade, para que as responsabilidades fiquem claras e seu entusiasmo se transmita aos demais. Em todo o momento, eles deverão deixar bem claro que esta tarefa é *rotativa* e que não têm nenhum interesse em conservá-las, e sim pelo contrário: para que a rede cresça, o sistema deve multiplicar-se com facilidade.

É necessário que uma das condições para gerar grupos participativos e de alto crescimento é que os líderes mostrem que estão *gerando sucessores desde o início do processo*. Também é por isso, que as tarefas de coordenação devem ser retribuídas em moeda social: para que outros possam aspirar a formar novos grupos, redes ou clubes, segundo como escolham chamá-los. O Grupo Promotor deve organizar reuniões de leitura de material disponível, para dirimir dúvidas ou adaptar a experiência às condições locais. Também é recomendável que esteja em contato com grupos ou pessoas de maior experiência.

Para isto, temos uma linha aberta no endereço info@redlases.org.ar e também podem conectar-se a partir do sítio www.redlases.org.ar, onde a equipe de capacitação dá assessoria a grupos que o solicitam, mediante acordo de alguma forma de retribuição, como indica o princípio acrescentado por nós como o 13º.

O outro segredo da formação de sucessores é garantido pela forma de gestão: *transparente e geradora de equidade*, com a liberdade de fazê-la com o estilo próprio do grupo que o está exercendo...

Não há nada escrito acerca da melhor maneira de fazer as coisas, nem práticas que não se possam alterar.

Vida é movimento...



Uma quantidade razoável de vales a emitir é três vezes o número máximo de sócios do início do processo. Por outro lado, se a unidade monetária local é o Real, é bom utilizá-lo como equivalente para ajudar para que as pessoas não se confundam com a manipulação dos valores. É mais complicado buscar valores intermediários, como o valor da hora de trabalho segundo determinado índice, porque, finalmente, este será convertido em alguma moeda formal.

Preferimos mostrar a diferença da moeda social com a moeda oficial na prática, antes que na teoria.

O mais importante é decidir quanto se vai distribuir por pessoa, fazer com que cada pessoa assine um documento muito simples, de forma de criar confiança e transparência, onde se compromete a devolver os vales se decidir retirar-se da Rede, para o qual, se os houvesse gastado, deverá produzir algo novo e trocá-lo na Rede para obter nova quantidade de moeda social.

Por exemplo: Se convidamos 30 pessoas e calculamos em 50 unidades (equivalentes a 50 “Reais”) a quantidade necessária para formar uma boa massa de moeda social para permitir operações que façam diferença nas condições de uma família, teremos 1500 unidades em circulação. Começamos a primeira feira com 10 ou 20 unidades de moeda social, que vamos a chamar “Talentos”, neste caso. Imaginamos que a quantidade máxima por sócio será de 50 Talentos que, transformados em moeda formal, comprariam 50 litros de leite, estimado o valor de um litro de leite em 1 Real.

Na primeira feira, cada pessoa deverá trazer o equivalente em produtos a uns 5-20 “litros de leite” (mínimo e máximo) para trocar e estar preparada para que as operações não “acabem” nesse dia. Provavelmente, todos os produtos não serão trocados por todos, pois será possível deixar para uma próxima feira ou mesmo para entregar fora da feira, se os participantes estiverem de acordo.

Para saber que estamos operando bem, deveríamos ter sempre aproximadamente a mesma quantidade de moeda social conosco, depois de ter feito as trocas; ou um pouco menos, porque isso significaria que consumimos de outros, que neste momento teriam “nossos” vales. Com este sistema nunca poderemos acumular moedas sociais que, retidas, impedem que outros as usem e “encolhem” o mercado, como acontece no mercado formal.

No começo da feira, cada participante deve comprometer-se a permanecer no grupo ou entregar a mesma quantidade de produtos se retirar-se do grupo. Também pode optar-se pelo mecanismo de Ecobanco, como “respaldo” das moedas sociais postas em circulação. (ver pontos 10 e 11)



Se estas condições são observadas, se o Grupo Promotor informa ermanentemente sobre o que está ocorrendo em outras partes do país ou região, incentiva a novos participantes a incorporar-se com o propósito de empreender para eles ao mesmo tempo que fazer crescer a rede, em pouco tempo todos se sentirão identificados como protagonistas de uma proposta social maior, da construção desse “outro mundo possível” do qual tanto falamos, Pouco tem a ver com a atitude de remediar situações pessoais, tão funcional às políticas assistencialistas dos programas de ajuste estrutural . Inversamente, se o Grupo Promotor não tem esta perspectiva de construção a médio prazo os participantes se limitarão a “trocar” e cada fará a sua feira...

19- Como se lança a primeira Feira de demonstração com os convidados?

Esse evento deve ser preparado muito cuidadosamente por cada grupo que começa. É fundamental a identidade cultural e, como sempre, existe mais de uma maneira de fazer as coisas. Vale a criatividade de cada Grupo Promotor e a história de cada lugar.

De todos os modos, no convite (escrito ou não), os participantes deverão ser convocados para levar certa quantidade de produtos para trocar, mesmo que sejam alimentos básicos tomados da despensa da própria casa, no caso daqueles que são prestadores de serviços. *Isso lhes permitirá praticar essa atividade que é muito diferente das demais formas de intercâmbio a que estão acostumados.*

Prepara-se o lugar escolhido como para uma festa de gala. Estuda-se previamente certo “valor mínimo” em produtos para que as pessoas levem e que não deve exceder a uma soma que todos possam suportar, para que todos possam participar. Por exemplo, tem funcionado bem o equivalente a um mínimo de dez e máximo de vinte “litros de leite”. Mas pode ser menos, o valor deve ser ajustado em cada caso. Para a ocasião, deverão estar prontos os “vales de troca”, cujo nome se escolheu previamente (“talentos”, “bônus”, “palmares”, etc).



18. Deve o Grupo Promotor “praticar” antes de organizar a feira com convidados?

Definitivamente, sim! Não há nenhuma dúvida que a feira somente deve ser organizada quando o Grupo Promotor (GP) já pode contestar (algumas) perguntas e dúvidas desde sua própria experiência.

Para isso, sugerimos como uma boa alternativa a fazer, todas as vezes que o GP se encontra para preparar o lançamento da Rede, o mesmo jogo que recomendamos que se faça todas as vezes que há feira, mesmo quando o grupo já seja muito numeroso.

O que se pode fazer nestes casos, é separar em pequenos grupos para que todos possam falar, mas em nossa experiência é necessário insistir para que todos os participantes façam pelo menos uma vez por mês, quando a feira já esteja se reunindo todas as semanas. Quando esta prática se implementa desde o começo, é possível que se instale como própria do grupo; senão, a acreditam desnecessária e começam a tratar a rede de trocas como “remédio” para a pobreza e o desemprego e não como “forma de inventar novas relações sociais!”. Tão simples como isso. Por outro lado, o “jogo” não é uma brincadeira, mas é jogo por ser repetitivo e ter regras. É também para poder ser melhorado e conseguir melhores resultados na luta contra a exclusão!

Foi denominado por nós como REINVENTAR O MERCADO e também é conhecido como o “jogo das cinco colunas” porque utiliza cinco indicadores acerca dos participantes, que permite conhecer o mercado potencial que estamos gerando quando essas coisas são ditas. *Insistimos: ainda que pareça inútil e repetitivo, é fundamental fazê-lo todas as vezes, desde o início.* Cada dia, cada pessoas pode mostrar um novo aspecto de sua vida como “produtor” ou “consumidor”, pode trocar seu “marketing” pessoal ou de seus produtos e serviços.

Em grupos de 50 - 70 pessoas, esta etapa pode durar até uns 90 minutos, optanto é preciso saber conduzi-lo animá-la para que as pessoas não se aborçam... Em pouco mais de 60 minutos a feira se realiza, o que mostra a importância do aspecto das relações entre as pessoas nas redes de troca.



O **jogo de REINVENTAR O MERCADO** consiste em que, um por um, todos e cada participante anuncie, na ordem em que se encontram sentados, os seguintes indicadores:

1. Nome e telefone/endereço

Essa informação permite gerar relações de confiança entre os participantes do grupo, ao expor a identidade de todas as pessoas. Igualmente, ademais, possibilita um contato posterior para a realização de transações e a formação de um catálogo geral. Mas é importante reconhecer que a maior parte das operações se fazem a partir das relações pessoais e não da pura informação dos catálogos.

2. Atividade principal que desenvolve ou desenvolvia no mercado formal, tanto na área de produtos como de serviços que está disposto a oferecer na rede.

Essa informação permite que os demais saibam que tipo de produtos/ serviços vão encontrar, para que possam indicar depois o que necessitam e informar a outros sobre sua disponibilidade.

3. Alguma habilidade ou saber que se pode ensinar, ocasionalmente, a membros da rede, mesmo que não seja sua atividade permanente.

Essa atividade contribui enormemente para que as pessoas descubram em que podem ser úteis a outras e também reconheçam seus próprios saberes....

4. Produtos e serviços que obtém, ou obteve anteriormente, sem dinheiro: necessidades satisfeitas fora do mercado formal.

Quando se trata de alguém que participa pela primeira vez, certamente não terá experiência com moeda social, mas mesmo assim é importante que a pessoa procure em suas experiências passadas quantas “trocas” sem dinheiro já tenha feito, para verificar em que medida essa experiência sempre esteve presente. Por exemplo, com frequência as crianças trocam brinquedos, os adolescentes, roupas, os pais partilham o transporte dos filhos para o colégio... Por sua vez, os participantes que já estão freqüentando a rede contam, minuciosamente, tudo o que já estão obtendo da Rede de Trocas, de modo a mostrar as distintas possibilidades- não sempre “visíveis” à primeira vista. Podem também referir-se à mudança de seus hábitos de consumo e até a “poupança” de dinheiro formal que obtém, pelo fato de agora não usa-lo para obter produtos que antes consumiam do mercado formal.

5. Produtos, serviços ou raridades que se gostaria de encontrar e ainda não encontrou: necessidades insatisfeitas hoje.

Esta é uma oportunidade de que os membros do grupo “percebam” que são fornecedores potenciais entre eles, ou seja, podem produzir o que os outros necessitam, ou começar a fazê-lo em um curto prazo, como prova da capacidade de desenvolvimento de novas habilidades.

No ambiente cordial do “jogo”, é útil e revelador pedir aos participantes, que estejam sempre atentos à fala de todos, para que possam levantar as mãos, cada vez que escutam os itens 2 e 3. Isso mostra claramente quem está potencialmente interessado em consumir tais ofertas, ao mesmo tempo que perguntam se podem identificar o que produzir para esse novo “mercado”.

Com esta prática muito simples começam-se a fazer novos negócios imediatamente ou, ao menos, é possível visualizar o mercado potencial no presente momento: esta é, pois, uma forma concreta de “reinventar o mercado”. É MUITO IMPORTANTE FAZER O JOGO MESMO QUE PAREÇA REPETITIVO E INÚTIL: cada semana todos podemos mudar nossas ofertas e necessidades!

Quando a feira está funcionando, é muito importante reunir-se regularmente, **TODAS AS SEMANAS**, ainda que haja pouca gente, para que ela seja identificada como espaço de fornecimento regular: senão, nunca haverá o efeito de **MERCADO ALTERNATIVO**! Também é importante ter um compromisso de que nenhum novo membro desista antes de TRÊS MESES de experiência, para que a oportunidade de pôr-se a prova como prosumidor (produtor/consumidor) com uma atitude nova diante do que pode chegar a fazer!

Pela nossa experiência, foi útil para o crescimento do grupo incluir alguma **atividade recreativa, lúdica ou mística**, de acordo com a aceitação do grupo, e fazê-lo em todas as sessões para não reduzir a atividade a um “supermercado de desempregados”, como definiu um aluno do Programa de Capacitação Permanente.

Também é muito importante que o **lugar** seja atraente, agradável e limpo, de modo que seja prazeroso voltar na próxima semana, mesmo sem ser luxuoso. *É preciso lembrar que o objetivo da moeda social como instrumento da Economia Solidária, não é lutar contra a pobreza, mas sim distribuir a riqueza, que é abundante apesar de que não a vejamos sempre assim...*



